

# Antologia



## *Poesia ao norte*

Tenho em mãos dois livros de poesia, ambos de rapazes apenas saídos da adolescência e ambos nortistas: *Pedra do Sono*, do Sr. João Cabral de Melo Neto<sup>1</sup>, de Recife, e *Anjo dos Abismos*, do Sr. Rui Guilherme Barata<sup>2</sup>, de Óbidos, Pará.

São dois poetas radicalmente diversos e de méritos também desiguais. Enquanto o pernambucano já se apresenta de posse dos seus meios pessoais de expressão, o paraense ainda se encontra preso demais à imitação. De qualquer modo, representam bem a poesia da geração novíssima, e não me lembro de moço algum do Sul que tenha estreado tão bem quanto eles, nos dois últimos anos.

É interessante como o Norte se interessa pela poesia. O grupo das “Publicações Norte”, de Recife, apareceu através dela ou da sua crítica. No Ceará, um Congresso de Poesia nos mandava notícias no fim do ano passado - por sinal que num manifesto cheio de dignidade intelectual.

De um modo geral, me parece que a literatura, mais no Norte do que no Sul, é ainda a grande via de expressão. Entre nós, centro-sulinos, manifesta-se na mocidade uma certa tendência para o ensaio, a pesquisa histórica e sociológica, a crítica sob todos os seus aspectos. Tendência que predomina sobretudo em São Paulo, onde o número de poetas e ficcionistas desaparece ante o acúmulo de críticos e pesquisadores. É com prazer que constato essa inclinação como que pragmática de utilizar a inteligência e a sensibilidade na análise do nosso tempo e dos seus problemas porque me parece que dessa auscultação ansiosa, pode resultar uma linha de pensamento e de conduta que seja o nosso roteiro.

O Sr. João Cabral de Melo Neto tem como epígrafe do seu livro o desafio heróico de Malarmé. “Solitude, récif, étoile...” Com razão, porque *Pedra do Sono* é uma aventura arriscada. O seu ponto de partida são as imagens livremente associadas ou pescadas no sonho, sobre as quais o autor age como ordenador. É esta disposição poética que caracteriza o livro do Sr. João Cabral de Melo Neto.

*Pedra do Sono* é a obra de um poeta extremamente consciente, que procura construir um mundo fechado para a sua emoção, a partir da escuridão das visões oníricas. Os poemas que o compõem são, é o termo, construídos com rigor, dispondo-se os seus elementos segundo um critério seletivo, em que se nota a ordenação vigorosa que o poeta imprime ao material que me fornece a sensibilidade. Disso já se depreendem as duas características principais desses poemas, tomados em si: hermetismo e valorização por assim dizer plástica das palavras.

Trabalhando um material caprichoso, como é o do sonho e o da associação livre, o Sr. Cabral de Melo tem necessidade de um certo rigor por assim dizer construtivista. Daí se fechar dentro dos seus poemas, onde há um mínimo de matéria discursiva e um máximo de libertação do vocábulo - entendendo-se por tal a tendência para deixá-lo valer por si, manifestando o poder de sugestão que possui. As

palavras, que têm um poder sugestivo maior ou menor conforme as relações que as ligam umas com as outras, se dispõem nos seus poemas quase como valores plásticos, nesse sistema fechado que assume às vezes o caráter de composição pictórica, e a beleza nasce da sua interrelação.

Não se conclua porém que esta poesia seja um edifício racionalista. Muito pelo contrário, o trabalho ordenador a que é devida se exerce sobre os dados mais espontâneos da sensibilidade. Daí a riqueza do livro, que alia a ordenação da inteligência ao que há de mais essencialmente espontâneo no homem.

A tendência vamos dizer construtivista do Sr. Cabral de Melo se mostra na sua incapacidade quase completa de fazer poemas em que não haja um número maior ou menor de imagens materiais. As suas emoções se organizam em torno de objetos precisos que servem de sinais significativos do poema - cada imagem material tendo de fato, em si, um valor que a torna fonte de poesia, esqueleto que é do poema. O verso vive exclusivamente dela.

Numa poesia em que há, por mínima e escondida que seja, uma intenção ou uma possibilidade de interpretação discursiva, as palavras se esbatem diante da realidade maior da frase e da imagem, elas próprias ultrapassadas pelo valor simbólico do que querem exprimir. Quando leio: “Eu sou a Moça-Fantasma / que espera na Rua do Chumbo / o carro da madrugada. / Eu branca e longa e fria / a minha carne é um suspiro / frio, na madrugada da Serra” (Carlos Drummond de Andrade) - percebo logo um elemento narrativo, uma seqüência verbal que se sobrepõe, evidentemente, como música e como significado aos substantivos: moça, rua, carro, serra, etc...

Agora, porém, se passo a uma poesia em que não há seqüência verbal - no sentido de ligação discursiva - mas tão-somente esforço de sugestão emotiva pela simples força dos vocábulos, sentirei de repente a desmedida importância que estes adquirem. Tornam-se, salientes no poema, se impõem a mim como partes de um estereograma. E os poemas do Sr. Cabral de Melo são, em certo sentido, estereogramas poéticos. Veja-se por exemplo:

Dentro da perda da memória  
uma mulher azul estava deitada  
que escondia entre os braços  
desses pássaros friíssimos  
que a lua sopra alta noite  
nos ombros nus do retrato.

E do retrato nasciam duas flores  
(dois olhos dois seios dois clarinetes)  
que em certas horas do dia  
cresciam prodigiosamente  
para que as bicicletas do meu desespero

corressem sobre os seus cabelos;

E nas bicicletas que eram poemas  
chegavam meus amigos alucinados.  
Sentados em desordem aparente,  
ei-los a engolir regularmente seus relógios  
enquanto o hierofante armado cavaleiro  
movia inutilmente seu único braço.  
(*Pedra do Sono*).

Este poema é dos mais belos do autor, e nele encontramos todas as características da sua poesia. Percebemos imediatamente que o vago fio discursivo é apenas o ziguezague associativo através do qual o poeta vai construindo solidamente as imagens que são, ao mesmo tempo, os elementos significativos e o arcabouço do poema. Note-se, então, o valor dominante que os substantivos exprimindo coisas passam a adquirir, ao lado das imagens por eles formadas. O poema todo parte da imagem - mulher azul - que condiciona quatro pontos, principais de ossificação: pássaros, lua, retrato, cabelos. Em torno deles se vêm dispor as outras imagens materiais: flores, olhos, seios, clarinetes, bicicletas, amigos, hierofante, braço. Estas palavras comandam os versos, estruturam o poema e dependem de uma vontade ordenadora que, após havê-los selecionado, os dispõe dentro da composição, como valores por assim dizer plásticos.

E assim são quase todos os poemas do Sr. Cabral de Melo. Não o chamo porém, de cubista, porque ele não é só isso. O seu cubismo de construção é sobrevoado por um senso surrealista da poesia. Nessas duas influências - a do cubismo e a do surrealismo - é que julgo encontrar as fontes da sua poesia. Que tem isso justamente de interessante: engloba em si duas correntes diversas e as funde numa solução bastante pessoal.

Não obstante, há certos momentos em que temos a impressão de que o sr. Cabral de Melo está despoetizando demais as suas poesias, e fazendo uma natureza-morta, ou qualquer outra composição pictórica. Veja-se a “Homenagem a Picasso”:

O esquadro disfarça o eclipse  
que os homens não querem ver.  
Não há música aparentemente  
nos violinos fechados.  
Apenas os recortes de jornais diários  
acenam para mim com o juízo final

Para não se dizer que o poeta se submete aí à exigência da homenagem, leia-se a “Composição” que começa assim:

Frutas decapitadas, mapas,  
aves que prendi sob o chapéu,

não sei que vitrolas errantes, [...]

Essa tendência do Sr. Cabral de Melo leva-o freqüentemente ao exagero de um certo composicionismo verbal a que ele não sabe fugir. Daí o ar experimental que corre por certas partes do livro, não sei se devido apenas a isso ou também ao caráter de primeira expedição literária desse livrinho de moço.

Como quer que seja há nele qualidades fortes de poesia e eu não sei de ninguém nos últimos tempos que tenha estreado com tantas promessas. Seus poemas são realmente belos, e representam a riqueza de uma incontestável solução pessoal.

Mas essa riqueza não vai sem um certo empobrecimento humano. “Solitude, récif, étoile...” Como Mallarmé, o poeta pernambucano se atirou em busca da poesia pura. Não discuto a sua *réussite* pessoal, que é das boas. Quanto à poesia pura que não sei se o seu barco alcançará as estrelas ou se ficará pelos escolhos. Toda pureza implica um aspecto de desumanização. É o problema permanente da pureza ressecando a vida.

Nos nossos tempos de poesia mais comunicativa, já transcendida a fase hermética pura, quase sempre vítima da sua autofagia, soa com certo ar de radidade o livro do Sr. Cabral de Melo. E nos leva a crer que a voz (?) do cisne mallarmeano está sempre viva, a ponto de vir ressoar na última geração da nossa literatura. Pureza poética, surrealismo, cubismo, coisas que estão soando agora com requinte, mesmo quando tão talentosamente representados por alguém como o nosso poeta.

O erro da sua poesia é que, construindo o mundo fechado de que falei, ela tende a se bastar a si mesma. Ganha uma beleza meio geométrica e se isola, por isso mesmo, do sentido de comunicação que justifica neste momento a obra de arte. Poesia assim tão autonomamente construída se isola no seu hermetismo. Aparece como um cúmulo de individualismo, de personalismo narcisista que, no Sr. Cabral de Melo, tem um inegável encanto, uma vez que ele está na idade dessa espontaneidade na autocontemplação. O Sr. Cabral de Melo, porém, há de aprender os caminhos da vida e perceber que lhe será preciso o trabalho de olhar um pouco à roda de si, para elevar a pureza da sua emoção a valor corrente entre os homens e, deste modo, justificar a sua qualidade de artista.

De tendência oposta é o Sr. Rui Guilherme Barata. Dele, aliás, não se pode dizer o que eu disse do poeta pernambucano. Não se encontra no seu livro o que se poderia considerar como uma solução mais ou menos pessoal. *Anjo dos abismos* revela, da primeira à última linha, uma identificação profunda com a poesia do Sr. Augusto Frederico Schmidt. Vento, mar, noite, morta amada, janelas abertas: não falta nada. Identidade de arsenal das imagens, na busca dos termos, nos cacoeques poéticos - como a repetição constante e um dado vocábulo (o mar entra vinte e nove vezes nos quarenta versos da poesia “Ode ao Mar” ou as imagens que se formam sempre acompanhadas por um adjetivo amplificador: “estranhas mulheres coroadas”,

“escuridão da noite encarcerada”; “árvores loucas que procurassem o céu”, etc. A impressão que fica é que o moço poeta nada mais quis do que escrever exatamente como o grande cantor da “Estrela solitária”.

E no entanto, o Sr. Rui Guilherme Barata é um bom poeta. A sua identificação é um fenômeno que se apresenta com tanta intesidade, que nos leva a pensar nele como na Lucy Citty Pereira do Sr. Augusto Frederic Schmidt. E aí está o maior elogio que se lhe pode fazer.

A bela fluidez, o galo majestoso, a nobre melancolia e o ritmo largo do sr. Augusto Frederico Schmidt, o sr. Rui Guilherme Barata os possui em certo grau. Seus poemas se lêem com prazer, e nunca se tem a sensação deprimente de pastiche. Revelam, como foi dito mais identificação do que propriamente imitação. Pena é que este processo seja de natureza a cortar as asas do jovem poeta paraense. Porque não creio que quem se mostra de tal modo tomado pela maneira de outrem consiga um dia se livrar dela.

### Notas

1 João Cabral de Melo Neto. *Pedra do sono*. Recife, 1943.

2 Rui Guilherme Barata. *Anjo dos abismos*. R.J., José Olympio, 1941.